

SISTEMATIZAÇÃO DA DANÇA TRADICIONAL PORTUGUESA

CLASSIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS COREOGRÁFICAS: ESPAÇO, RITMO E GESTOS TÉCNICOS ⁽¹⁾

Margarida Moura

Universidade Técnica de Lisboa – F M H – Departamento de Dança

Resumo

O presente estudo pretendeu identificar, conhecer, classificar e sistematizar a dimensão coreográfica da Dança Tradicional Portuguesa (DTP), através do estudo das componentes espaciais, técnicas e rítmicas características de danças tradicionais portuguesas actuais, com o objectivo de sistematizarmos a Dança Tradicional Portuguesa e verificarmos a possível existência de um modelo coreográfico tradicional de amplitude nacional.

A amostra utilizada incluiu 117 danças tradicionais, recolhidas junto de 37 grupos folclóricos distribuídos de Norte a Sul de Portugal incluindo Açores e Madeira. Utilizámos como processamento estatístico a aplicação estatística SPSS (software version 8.0 for windows) para a análise descritiva e exploratória de variáveis individuais e análise para mais que uma variável, utilizando tabelas de contingência de dupla entrada e estatística não paramétrica através do teste de independência do Qui Quadrado com significância estatística estabelecida para $p \leq 0,05$.

Como principal conclusão referimos a existência, na DTP, de um modelo coreográfico tradicional de amplitude nacional, caracterizado por danças realizadas em roda simples e duplas com os pares posicionados facialmente ou lateralmente (Espaço), utilizando preferencialmente os passos de vira e de malhão (Gestos Técnicos / Movimento), executados com acentuações normais, durações curtas, em compassos 4/4, 2/4 e em andamentos musicais e coreográficos moderados (Ritmo).

Palavras-chave: *classificação, dança tradicional portuguesa, espaço, ritmo e gestos técnicos / movimento*

¹ Baseado na dissertação final de Doutoramento orientada pela Professora Ana Paula Batalha (2000).

Introdução

Estudar o fenómeno coreográfico no âmbito da Dança Tradicional Portuguesa, ao mesmo tempo que criar uma terminologia específica capaz de a definir e caracterizar, constitui a motivação impulsadora da pesquisa que agora apresentamos.

Por Dança Tradicional (DT) entendemos danças que o povo português (grupo étnico unido entre si por laços comuns, históricos, culturais, religiosos, sociais e políticos), miscigenado e aculturado, realiza por vontade própria nos diversos actos sociais do seu quotidiano como mero divertimento, "*The people made it up when they had nothing else to do (...) they did it for fun, like a game (...) the gods said they should do it (...) they did it to keep warm (...) they did it for exercices (...) it was the custome*" (Jaffé, 1990, p.593), ou motivado por crenças religiosas, profanas, rituais, (Braga, 1994) mágicas, laborais, sempre com profunda carga de simbolismo.

Falar de DT implica falar de uma coreografia específica, de uma forma de dançar distinta e caracterizante dos grupos folclóricos que proliferam por todo o país assim como do vasto reportório tradicional divulgado e conscientemente não adulterado ao longo de décadas de existência. Neste sentido a bibliografia é rica na enumeração de tão vasto reportório coreográfico, como são exemplos as danças: dança dos cajadinhos, mourisca, dança das espadas, dança do monte, dança de floripes, dança das genêbres, dança dos ferreiros, dança do rei David, dança dos reis magos, dança dos pauliteiros, danças de roda, de pares e de grupos pequenos ou grandes, bailos, balhos, bailaricos e brincos, fandango, vira e suas variantes locais, chula, tirana, verde gaio, malhão, serra, sapateado, corridinho, saias, estaladinho, cana ou caninha-verde, bailes de roda com mandador, contradança, judengas, folia, vilão, tiroliro, chacota, xotiça ou scotische, pingacho, galandum, corridinho, lundum, modinha, gota, bailarico, sapateia, chamarrita (Chaves, 1938; De Mello, 1962; Ribas, 1972, 1982, 1984; International Encyclopedia of Dance, 1998).

Conhecer as danças tradicionais portuguesas significa muito mais que a atribuição de um nome, ou a caracterização vaga e generalista que comportam (danças antigas, de trabalho, de sedução, ritualistas, etc.). Significa conhecer a forma de execução, COMO se dança; o local em que se apresentam, ONDE se dança e qual a razão, o motivo, o significado, PORQUE se dança.

Sem dúvida que alguns autores, em especial antropólogos, etnógrafos e etnólogos têm-se interessado pela reflexão da tradição coreográfica portuguesa essencialmente ao nível do significado e simbolismo de algumas danças e / ou rituais coreográficos ("PORQUE" e "ONDE" se dança). Constatamos no entanto, que muitos desses rituais ou danças já não existem, caíram em desuso ou estão modificados (na melodia, na execução ou em ambas) e tais referências constituem apenas suporte teórico sobre um passado que o tempo naturalmente esqueceu. Além disso sobre a forma de dançar - "COMO" se dança - as referências teóricas existentes são escassas e pouco esclarecedoras, "...but we have no details

of their choreography" (International Encyclopedia of Dance, 1998, p. 228). Em síntese: Conhecemos o nome da dança (vira das ondas, malhão do souto, ...) e a família a que pertence (dança religiosa, de trabalho,...) mas não a sua música e coreografia; conhecemos o nome da dança e a sua coreografia, mas não a família a que pertence; conhecemos o tipo de dança (Chula, Fandango, Corridinho, Moda) mas não o nome, música e / ou coreografia.

Porque acreditamos que a dimensão coreográfica das danças tradicionais está imbuída de profunda carga simbólica, resultante de variáveis contextuais, históricas, antropológicas e culturais, focalizamos como principal objectivo, reflectir sobre a dimensão coreográfica de danças tradicionais portuguesas, actualmente existentes, no sentido de respondermos às seguintes questões:

Como se caracteriza actualmente a DTP a nível coreográfico? Quais as danças que vindas do Ontem ainda Hoje se dançam? Como se dançam? Que passos privilegiam? Que ritmos os acompanham? Que formações espaciais exploram? Como classificar a dimensão coreográfica da Dança Tradicional Portuguesa?

Estamos presente um estudo de sistematização da DTP conducente à elaboração da classificação das Unidades Estruturais, Espaço, Ritmo e Gestos Técnicos / Movimento.

Objectivos

Como principal objectivo a construção e aplicação de uma grelha classificativa da DTP, pela identificação e análise das categorias espaciais, técnicas e rítmicas, consideradas elementos constitutivos do património coreográfico tradicional português.

Como objectivos parcelares: 1) elaboração de um estudo lexical capaz de esclarecer a dimensão coreográfica da DTP; 2) classificação das componentes específicas a cada variável coreográfica, ESPAÇO, RITMO E GESTOS TÉCNICOS / MOVIMENTO.

Hipóteses

H0 - Existe um Modelo Coreográfico na Dança Tradicional Portuguesa (DTP), uma Estrutura Padrão, que é consequência do modo como se organizam e relacionam as variáveis, Espaço, Ritmo e Gestos Técnicos.

H1 - A DTP, caracteriza-se pela diversidade e persistência das variáveis coreográficas - Espaço, Ritmo e Gestos.

H2 - A DTP integra componentes espaciais, técnicas e rítmicas, que pela persistência com que acontecem, se revelam invariantes regionais e / ou nacionais.

H3 - A DTP assume um modelo coreográfico regional, consequência do factor estereotipia - espacial, técnico e rítmico - específico de cada região tradicional.

Metodologia

Utilizámos como amostra 117 danças tradicionais portuguesas, recolhidas junto de 37 grupos de folclore e distribuídas por 12 regiões tradicionais, ordenadas de norte a sul de Portugal incluindo Açores e Madeira.

Para a selecção da amostra utilizamos os critérios: *a) representatividade nacional da amostra* – recolhemos danças de todas as regiões; *b) reconhecimento da qualidade dos grupos folclóricos* - incluímos apenas grupos federados à mais de 10 anos na Federação de Folclore Português; *c) representatividade das danças tradicionais* – consideradas pelos seus executantes e directores, símbolo do património tradicional e coreográfico do grupo que as exibia e da região em que se integravam; *d) limitação na recolha etnocoreográfica* - observámos entre 2 e 5 grupos folclóricos e entre 7 a 10 danças por região; *e) aleatoriedade na selecção dos grupos* – sempre que cumpriam o critério da qualidade do grupo.

As danças recolhidas foram registadas em sistema audio-visual e posteriormente transcritas para fichas específicas – fichas etnocoreográficas, onde constavam as variáveis de análise, Espaço, Ritmo e Gestos Técnicos.

Como forma de registo utilizámos: 1) Ao nível da terminologia específica da dança tradicional portuguesa socorremo-nos do *estudo lexical* por nós encetado (Moura, 2000); 2) ao nível da classificação de cada variável coreográfica aplicámos as grelhas referenciais teóricas classificativas – “*grelha referencial classificativa da variável Espaço, grelha referencial classificativa da variável Gestos Técnicos e grelha referencial classificativa da variável Ritmo*”, também por nós construídas (Moura, 2000, pgs.86, 91 e 98).

Para estudar a variável coreográfica **ESPAÇO** definimos como categorias: formação espacial (roda, fila, colunas, quadrilhas e solos de um par), variante da formação espacial (simples – uma só roda, fila ou coluna; dupla – os pares definem 2 rodas; de pares – filas ou colunas com o par na mesma formação; mista – dançarinos e dançarinas numa mesma formação mas não são par; lateral; facial; concêntrica; excêntrica; contra lateral; em carreiras – dançarinos uns atrás dos outros, e combinação entre elas), sentido e posicionamento espacial dos dançarinos (inverso, directo, facial ao centro ou ao público, direita e esquerda do público), relação social espacial (com o par, com o par contrário, com um novo par, sozinho, só dançarinas, só dançarinos, combinação entre elas), direcções (frente, trás, esquerda, direita, diagonais), progressões (lugar próximo - sem progressão, sentido inverso, sentido directo, avançar, recuar) e trajectórias (sem trajectória, rectilínea, curvilínea, ondulante). Demos especial relevância às categorias: *formação espacial, variante espacial, relação social e sentido espacial*.

Para estudar a variável **MOVIMENTO / GESTOS TÉCNICOS** definimos como categorias: nome / tipo do passo (saltitado, malhão, vira, corrido, galope, tacão e bico, chula, fandango, sapateado, escovinha, bailinho, valseado, passeio, serrado, etc.), variante do passo – rítmico-motora e espacial (simples, molejado, enleado, rodado, rodopiado, semi-rodado, saltado, gingão, picado, arrastado, etc.), o tipo de relação social (com o par, com o par contrário, com o grupo), relação

com o par (em carreiras, facial, contra-facial, lateral, contra-lateral), nível de posicionamento dos membros superiores (inferior, médio e superior, com palmas, com estalinhos de dedos, etc.), pega / contacto utilizado (mão dada, braço dado, mãos cruzadas e entrelaçadas, posição algarvia, posição de valsa, etc.) e colocação do tronco (inclinação à frente, lateral, oscilação lateral).

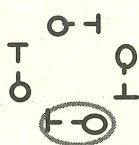
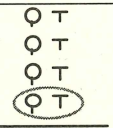
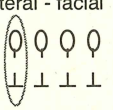
Para estudar a variável **RITMO** utilizámos como categorias: tipo de estrutura rítmica - ER (uniformes – sem alteração da duração e da intensidade e acidentadas – com alterações intensivas e/ou temporais – forte, fraca, rápida, lenta, com pausa), compasso musical (2/4, 3/4, 3/8, 4/4, 6/8, 12/8), andamento musical e coreográfico (moderado, lento e rápido, combinação entre eles) e forma de composição coreográfica, forma de organização da dança e que simboliza a sua complexidade (AB AB; ABCADE; A123456...).

Como **procedimento estatístico**, e dada a natureza do estudo, foi aplicada a estatística descritiva através da aplicação estatística SPSS (software version 8.0 for windows) no sentido de obtermos: a) análise descritiva e exploratória para variáveis individuais; b) análise para mais que uma variável, utilizando tabelas de contingência de dupla entrada e estatística não paramétrica através do teste de independência do Qui Quadrado com significância estatística estabelecida para $p \leq 0,05$.

Resultados e Discussão

Dimensão Espacial, Técnica e Rítmica das Danças Tradicionais Portuguesas

Quadro 1 Resultados mais e menos frequentes ao nível da variável ESPAÇO

Mais frequentes			Menos frequentes
<ul style="list-style-type: none"> - Progressão do movimento, em sentido inverso - Relação social, com o par - Colocação do tronco, na vertical - Tipo de pega/ contacto com o par, sem pega e posição de valsa - Direcção, frente - Trajectória, curvilínea 	 <p>roda simples facial – lateral</p>	 <p>coluna simples lateral - facial</p>  <p>fila simples facial – facial / contra facial</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão do movimento, no lugar e avançar - Direcção, lado - Trajectória, ondulante - Relação social, só dançarinas ou só dançarinos - Colocação do tronco, inclinado à frente com torção lateral - Tipo de pega, mãos tocam nos pulsos

Quadro 2 Resultados mais e menos frequentes ao nível da variável MOVIMENTO / GESTOS TÉCNICOS


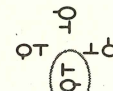
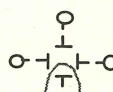
Mais frequentes	Menos frequentes
TIPO DE PASSO: vira, malhão, saltitado, passeio, corrido, serrado, corrido e saltitado VARIANTES: simples, rodado, molejado, simples lateral, saltado, arrastado RELAÇÃO SOCIAL: com o par TRONCO: Vertical COLOCAÇÃO DOS M. SUP.: nível superior, médio e inferior TIPO DE PEGA: sem pega e posição de valsa	TIPO DE PASSO: ausência de movimento, escovinha, saltado, sapateado e bailinho VARIANTES: batido, passeado, marcado, avançado-recuado RELAÇÃO SOCIAL: só dançarinas ou só dançarinos TRONCO: inclinado à frente com torção lateral COLOCAÇÃO DOS M. SUP.: nível inferior mãos na cintura (dançarinos e dançarinas) TIPO DE PEGA: mãos tocam nos pulsos

Quadro 3 Resultados mais e menos frequentes ao nível da variável RITMO

Mais frequentes	Menos frequentes
TIPO DE E.R: 1e2e, 3e4e, 5e6e, 7e8e (malhão); 123, 223, 323, 423, 523, 623, 723, 823 (vira, valseado) e 1,2,3,4,5,6,7,8 (passeio, pauliteiros) COMPASSO MUSICAL: 2/4, 4/4, 6/8 e 3/4 ANDAMENTO MUSICAL: moderado, moderado-rápido e rápido ANDAMENTO COREOGRÁFICO: moderado, rápido, lento e moderado-rápido COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA: AB AB	TIPO DE E.R: 1e2e3e4e5e6e7e8 (escovinha, corrido) COMPASSO MUSICAL: 12/8 e 3/8 ANDAMENTO MUSICAL: moderado-lento, lento ANDAMENTO COREOGRÁFICO: moderado-lento, lento e rápido COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA: ABC BC BC; AB AB'AB''AB'''; A123456789...

Relacionando as três variáveis coreográficas podemos verificar quais as relações mais fortes existentes nas danças tradicionais portuguesas estudadas

Quadro 4 Resultados Inter-variáveis, ESPAÇO, RITMO E GESTOS TÉCNICOS

Espaço	Movimento e Ritmo
 <p>roda simples facial – lateral</p>	Passo de vira ER 123, 223, 323, 423, 523, 623, 723, 823
 <p>roda dupla lateral – lateral</p>	Passo de vira saltado ER 123, 223, 323, 423, 523, 623, 723, 823
 <p>roda dupla facial – concêntrica / excêntrica</p>	Passo de malhão ER 1e2e, 3e4e, 5e6e, 7e8e Passo de malhão arrastado ER 1e2e, 3e4e, 5e6e, 7e8e. Passo de malhão marcado ER 1e2, 3e4, 5e6, 7e8

Verificamos que as danças tradicionais portuguesas são executadas, maioritariamente em roda simples facial – lateral (pares frente a frente e de lado para o centro da roda), roda dupla lateral – lateral (pares lado a lado e de lado para o centro da roda) e roda dupla facial – concêntrica / excêntrica (pares frente a frente estando uns dançarinos posicionados de frente para o interior da roda e outros dançarinos posicionados de frente para o exterior da roda).

Relativamente à dimensão de execução motora (comportamento dos apoios – membros inferiores e pés; do tronco, dos membros superiores e do tipo de pega / contacto) as danças tradicionais portuguesas utilizam, maioritariamente, o passo de vira e o passo de malhão, ainda que passos de, passeio, corrido, saltado, saltado e serrado sejam também frequentes. Verificamos também a tendência para a utilização dos três níveis de posicionamento dos membros superiores, nível médio, superior e inferior, estando o tronco preferencialmente na vertical. Na relação social privilegia-se, a relação com o par, utilizando como forma de contacto a ausência de pega e a posição de valsa.

Quando reflectimos sobre a dimensão rítmica das danças tradicionais portuguesas constatamos que estas se realizam, preferencialmente, com estruturas rítmicas de durações curtas e intensidades normais (ex: 1e2e 3e4e 5 e6e 7e8e), utilizando acompanhamentos musicais em andamento moderado, moderado-rápido e rápido, interpretadas em compasso 2/4, 4/4 e 6/8 binário simples, quaternário simples e binário composto, respectivamente, e executadas coreograficamente em andamento moderado, moderado-rápido e rápido. Como forma de composição coreográfica ressalta a combinação AB AB AB, simbolizando que as danças assumem duas partes diferentes que se repetem de forma sequencial. Podemos assim constatar o grau de acessibilidade da maioria das danças, ainda que também existam, mas em menor escala, danças com composições coreográficas denunciadoras de maior complexidade, ex: ABC ABC ou ABC ADE ABC.

Quando relacionamos os resultados espaciais e rítmico – motores obtidos, verificamos que as danças tradicionais portuguesas são executadas, preferencialmente, em passo de vira e passo de malhão, realizados em roda (aliás esta formação espacial integra todos os passos encontrados) com o par, progredindo em sentido inverso, com uma trajectória circular e utilizando andamentos musicais e coreográficos moderados, interpretados em compasso 2/4, 4/4 e 6/8.

Conclusões e Recomendações

A grande diversidade rítmica, de execução motora e de ocupação espacial que caracteriza as danças tradicionais portuguesas permite-nos aceitar a nossa H1 – “A DTP caracteriza-se pela diversidade e persistência das variáveis coreográficas”.

“As danças tradicionais portuguesas integram componentes espaciais, rítmicas e motoras (movimento) que pelas suas especificidades e persistência com que acontecem, se revelam invariantes regionais”. A título de exemplo, nas dan-

ças tradicionais madeirenses: roda simples em carreiras – lateral só de dançarinos e só de dançarinas; passos de bailinho e serrado madeirense; posição do tronco inclinado à frente; membros superiores a nível médio ou a nível superior um braço - à frente no prolongamento do tronco - e a nível inferior o outro braço (atrás), acompanhado de estalinhos dos dedos; dinâmica de movimentos contínua, molejada e em direcção ao solo. Aceita-se portanto a nossa H2.

Pelo facto de não existir um sistema de relações entre as variáveis seleccionadas, único e específico de determinada região, rejeitamos a nossa 3ª hipótese, "A DTP assume um modelo coreográfico regional, consequência do factor esteriotipia específico de cada região tradicional".

Relativamente à hipótese fundamental, saber se existe um modelo coreográfico na DTP, modelo esse que é consequência do modo como se organizam e relacionam as variáveis coreográficas, os resultados encontrados permitem confirmar esta hipótese. Existe um modelo coreográfico na DTP, de amplitude nacional que se caracteriza por: Danças tradicionais realizadas, preferencialmente com o par, em roda e mais concretamente em roda simples facial - lateral, em roda dupla lateral - lateral e ainda em roda dupla facial - concêntrica / excêntrica; utilizam o passo de vira e o passo de malhão estando o tronco na vertical e os membros superiores posicionados nos três níveis, superior, médio e inferior, sem utilizarem contacto / pega com o par ou quando utilizam privilegiam a posição de valsa. São danças realizadas em andamentos moderados e em compassos binário simples (2/4), quaternário simples (4/4), binário composto (6/8), quaternário composto (12/8) e ternário simples e composto (3/4 e 3/8).

Como recomendações futuras sugerimos o aumento da amostra podendo assim confirmar-se (o que acreditamos) a tendência aqui apresentada, assim como, encontrar novas e diferentes componentes coreográficas - de ocupação espacial, de execução e interpretação motora, de relação ou de ritmo, que muito contribuirão para o alargamento e adaptação contextual das grelhas classificativas da dimensão coreográfica da DTP (Moura, 2000). Também o estudo lexical específico ao contexto tradicional coreográfico português, sairá enriquecido e mais completo. Acreditamos, ainda, que um alargamento do estudo a outras danças tradicionais possibilitará conhecer novas invariantes coreográficas regionais, que muito provavelmente poderão conduzir à existência de modelos coreográficos tradicionais de carácter regional.

Bibliografia

- Abelho, A. (1981).** As Saias. *Colóquio sobre Folclore. Comunicações, Discursos e Conclusões*. Ed. INATEL, 251-257.
- Andrade, J. (1959).** Bailhos, Rodas e Cantorias. *Subsídios para o registo do Folclore das Ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo*. Ed. Comissão de Recolha e Divulgação do Folclore do Distrito da Horta.
- Anguera, M. (1992).** *Metodología de la Observacion en las Ciencias Humanas*. Coleccion Teorema, Ed. Cátedra, Madrid.
- Barreiros, A. (1990).** Danças Tradicionais do Ribatejo. *I Congresso de Folclore do Ribatejo - 1987, Comunicações, Recomendações e Propostas*. Ed. Região de Turismo do Ribatejo, Santarém, 185-195.

- Batalha, A. (1991).** A Escrita Etnocoreográfica. *Estudos de Dança, Notação do Movimento*, 1, UTL-FMH, 97-108.
- Batalha, A. (1991b).** Modelo de Notação Descritiva, Terminológica e Gráfica em Dança. *Estudos de Dança, Notação do Movimento*, 1, UTL-FMH, 77-96.
- Blanking, J. (1997).** *The Anthropology of the-Body*. Academic Press, London.
- Borba, T. & Lopes Graça, F. (1958).** *Dicionário de Música Ilustrado, I-Z*. Ed. Cosmos, Lisboa.
- Borba, T. & Lopes Graça, F. (1996).** *Dicionário de Música, A-H*. Ed. Mário Figueirinha (2ª ed.), Lisboa.
- Brito, A. P. (1994).** *Observação Directa e Sistemática do Comportamento*. Ed. FMH, Cruz Quebrada.
- Chaves, L. (1937).** Pantominas, Danças & Bailados Populares. *Revista Lusitana*, vol. XXXV (1 - 4), 140 - 154, Ed. Livraria Clássica, Lisboa.
- Chaves, L. (1938).** Pantominas, Danças & Bailados Populares. *Revista Lusitana*, vol. XXXVI (1 - 4), 218 - 235, Ed. Livraria Clássica, Lisboa
- Cunha Duarte, J. (1997).** Recolha Etnocoreográfica. Algarve, Tradições Musicais, III, Ed. Grupo Musical de Santa Maria, Casa da Cultura António Bento, 59-72.
- Damas, M. J. & Deketele, J. M. (1985).** *Observar para Avaliar*. Livraria Almedina, Coimbra.
- De Mello, P. (1962).** *Danças Portuguesas*. Lello e Irmão.
- Deliege, R. (1995).** *Anthropologie Sociale et Culturelle*. Ouvretures Sociologiques, De Boeck Université.
- Duarte, J. & Jerónimo, R. (1995).** Cancioneiro. *Algarve - Tradições Musicais*. Ed. Grupo Musical de Santa Maria, Casa da Cultura António Bentes, Faro, 77-131.
- Duarte, J. (1996).** Cancioneiro. *Algarve - Tradições Musicais II*. Ed. Grupo Musical de Santa Maria, Casa da Cultura António Bentes, Faro, 111-176.
- Fernandes, M. (1991).** A Estrutura Rítmica na Dança Popular Portuguesa - ensaio de descrição e hierarquização segundo critérios de acentuação e duração. *Tese de Mestrado*, UTL-FMH.
- Fernandes, M. (2000).** Sistematização da Dança Tradicional Portuguesa. Classificação das variáveis coreográficas Espaço, Ritmo e Gestos Técnicos. *Tese de doutoramento*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Ferreira, N. (1994).** *O Folclore e a Ciência*. Pub. Ciência e Vida.
- Fraisse, P. (1956).** *Les Structures Rythmiques*. PUF, Bruxelles, Érasme, Louvain
- Giacometti, M. & Lopes-Graça, F. (1981).** *Cancioneiro Popular Português*. Ed. Círculo de Leitores, Lisboa.
- Gomes, A. (1993).** *A Alma da Nossa Gente, Repositório de Usos e Costumes da Ilha Terceira, Açores*, Ed. Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- Gonzalez, A. (1994).** Dança, Traje e Músicas Tradicionais do Ribatejo. III e IV Congresso de Folclore do Ribatejo 1991-1993, *Comunicações, Recomendações e Propostas*, Ed. Região de Turismo do Ribatejo, Santarém, 113-117.
- Hutt, J. & Hutt, C. (1974).** *Observação Directa e Medida do Comportamento*. EPU, São Paulo.
- International Encyclopedia of Dance - A Project of Dance Perspectives Foundation Inc. (1998).** *Portugal Traditional Dance*, Vol. 5, editor: Selma, Jeanne Cohen, Oxford University Press, New York, 227 - 229
- Jaffé, N. (1990).** Folk Dance in Education. *Dancing Times*, January, 593-595.
- Kurath, G. P. (1960)** Panorama of Dance Ethnology. *Current Anthropology*, 1, nº3, 223-254.
- Leça, A. (1942).** *Música Popular Portuguesa*. Colec. Folclore, Ed. Domingos Barreira, Porto.
- Martins, B. (1994).** *O Fandango - Raízes, Dissiminação e Diversidade*. Ed. Região de Turismo do Ribatejo, Santarém.
- Martins, B. (1997).** *Músicas e Danças Tradicionais no Ribatejo. Análise, Conceitos e Divulgação*, Ed. Assembleia Distrital de Santarém.
- Martins, J. (1995).** Raízes da Música Tradicional do Algarve. *Algarve, Tradições Musicais*, Ed. Grupo Musical de Santa Maria, Casa da Cultura António Bento, 9-13.
- Mauss, M. (1993).** *Manual de Etnografia*. Pub. Dom Quixote.
- Matteo, J. (1967).** Research in Ethnic Dance. *CORD, Dance Research Anual I, Conference on Research in Dance: Problems and Possibilities*, Ed. Richard Bull, 63-66.
- Métoudi, M. (1979).** Classifier en Sociologie du Sport. *Travaux et Recherches*. INSEP, 5.
- Morais, A. (1990).** Cancioneiro Popular e Cancioneiro Ribatejano? Notas ou Pistas para uma Retomada da Primitiva Pureza. I Congresso de Folclore do Ribatejo - 1987, *Comunicações, Recomendações e Propostas*. Ed. Região de Turismo do Ribatejo, Santarém, 65-104.
- Mota-Leite, J. (1986).** *Danças Regionais do Minho*. Ed. Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio.

- Moura, M. (1992).** A Estrutura Rítmica na Dança Popular Portuguesa. *Actas da Conferência Internacional, Dança: Cursos e Discursos*, Ed. FMH, 51-53.
- Moura, M. (1998).** É Possível Classificar as Danças Tradicionais Portuguesas na sua Dimensão Coreográfica? *Actas da Conferência Internacional Continentes em Movimento, Novas Tendências no Ensino da Dança*, Ed. FMH, 134-146.
- Mourinho, A. (1987).** *Cancioneiro Tradicional Mirandês de Serrano Baptista*. II volume, Ed. Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Paço, A. (1979).** *Etnografia do Alto Minho, Distrito de Viana do Castelo - Trajes, Folclore e Artes Populares*. Colectânea de Estudos Regionais. Ed. Jornalismo do Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo.
- Ribas, T. (1942).** *Trovas e Bailados da Ilha – estudo do folclore musical da Madeira*. Ed. Delegação de Turismo da Madeira.
- Ribas, T. (1983).** *Danças Populares Portuguesas*, Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Breve.
- Sampaio, G. (1996).** *Cancioneiro Minhoto*. 3ª ed. Grupo Folclórico Dr. Gonçalo de Sampaio. Braga.
- Sardinha, J. (1991).** Música Tradicional Portuguesa: Riqueza e Problemas. *Actas do 1º Congresso Internacional de Folclore*, Setembro, INATEL, Lisboa.
- Vasques, A. (1994).** Das Beiras ao Ribatejo - Perspectivas de Identidade e Mudança. *III e IV Congresso de Folclore do Ribatejo 1991- 1993, Comunicações, Recomendações e Propostas*, Ed. Região de Turismo do Ribatejo, Santarém, 349-353.